

# A ÉTICA NO LIVRO DE AMÓS: O PROFETA DOS POBRES, FRACOS E OPRIMIDOS

por Julio Cezar Lazzari Junior<sup>1</sup>

**Resumo:** Injustiça social não tem época. Parece onipresente e atemporal. Ao ler o livro de Amós, temos a sensação dele ter sido escrito em nossa geração. Este documento que faz parte das Escrituras dos judeus e dos cristãos, é um grito de protesto contra a injustiça, opressão e indiferença. Amós foi um homem corajoso. Denunciou os abusos sociais dos homens poderosos de sua época. Não se intimidou com os perigos de se levantar contra reis e sacerdotes. Protestou contra a diferença polar na distribuição de riqueza. Censurou a hipocrisia e a prática religiosa destituída de amor, misericórdia e justiça. Assim, seus vaticínios são usados por profetas, poetas e socialistas de todos os tempos, mesmo pelos que nunca conheceram seus escritos, mas que repetem suas idéias essenciais.

**Palavras-chave:** Amós; injustiça; direitos; pobres.

**Abstract:** Social injustice haven't time. It seems timeless and omnipresent. Reading the Book of Amos, we feel it has been written in our generation. This document is part of the Scriptures of Jews and Christians is a cry of protest against injustice, oppression and indifference. Amos was a brave man. He denounced the abuse of social powerful men of his time. Do not if intimidated with the dangers to get up against kings and priests. Protested against the polar difference in distribution wealth. Criticized the hypocrisy and religious practice devoid of love, mercy and justice. Thus, his predictions are used by prophets, poets and socialists of all times, even by those who never knew his writings, but repeated their key ideas.

**Keywords:** Amos; injustice; rights; poor.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia, tecnólogo em Comunicação em Marketing, pós-graduado em Marketing Internacional (Uninove), pós-graduado em Ciências da Religião (PUC) e mestrando em Filosofia (USJT).  
E-mail: [julio\\_lazzari@ig.com.br](mailto:julio_lazzari@ig.com.br).

## **Introdução: fundo histórico da época de Amós**

Amós foi um profeta que viveu na época dos reis Uzias e Jeroboão II (*cf.* Am 1:1), do sul e do norte de Israel, respectivamente. Morava numa cidade chamada Tecoá, a qual ficava a dez quilômetros ao sul de Belém da Judéia. Foi contemporâneo dos profetas Oséias e Isaías, segundo nos informam os livros dos próprios profetas nos primeiros versículos (*cf.* Os 1:1; Is 1:1; Am 1:1); tendo exercido o seu ministério profético entre os anos 786 e 746 a.C., de acordo com Champlin (*cf.* Champlin, 2001, p. 3505).<sup>2</sup> Não estudou em escola de profetas, não teve treinamento teológico, mas era um homem do campo, simples, sendo chamado de boiadeiro, pastor e criador de sicômoros, uma árvore da família da figueira (*cf.* Hoover, 2008, p.79).

O profeta Amós direcionou as suas profecias tanto para o reino do norte, cuja capital era Samaria (*cf.* Am 4:1), como para o reino do sul, cuja capital era Judá (*cf.* Am 2:4), bem como, também, para outras nações (*cf.* Am 1:3 – 2:3). Para situar o leitor no pano de fundo histórico que a Bíblia fornece sobre a divisão de Israel em dois reinos, norte e sul, cito o trecho de um artigo de minha autoria, que explica sumariamente a situação:

O reino unificado de Israel teve fim quando o rei Salomão faleceu e as tribos do norte foram até Roboão, o novo rei, pedir alívio na carga tributária. Roboão, seguindo o conselho impetuoso dos jovens que cresceram com ele, com palavras duras deu a entender que não só manteria os altos impostos, como os

---

<sup>2</sup> A *Bíblia de Jerusalém* (BJ) afirma que Amós pregou no período de 783 a 743 a.C. (p. 1246).



aumentaria, provocando grande revolta entre a população, liderada por Jeroboão, que veio a se tornar o rei das tribos nortistas. A partir daí houve separação entre as tribos do norte e do sul, na política e na religião e, algum tempo depois, Samaria se tornou a capital do reino do norte, enquanto Jerusalém a capital do reino do sul (1 Rs 12). (Lazzari Junior, 2011, p. 31)

Assim, o leitor pode ler a referência bíblica citada e conferir a informação fornecida pela Bíblia Hebraica. Apesar da divisão política e religiosa provocada no antigo reino unificado, segundo a Bíblia, e do ódio e das guerras que tudo isso gerou<sup>3</sup>, a mensagem de Amós se dirige aos dois reinos, sem distinção, como se ambos, independentemente de suas brigas, fossem responsáveis diante de Deus pela forma como agiam. Ou seja, um povo poderia pensar mal do outro e Judá poderia ver Israel como apóstata por ter abandonado o local oficial do culto divino, mas Amós trata ambos como responsáveis por suas ações perante o próximo, como povos a quem Deus tem seus olhos atentos para suas obras.

Amós exerceu o seu ministério numa época de prosperidade, mas de profundas inversões de valores e de princípios éticos. Segundo o texto bíblico, Jeroboão II reinou em Samaria, norte de Israel, por 41 anos (*cf.* 2 Rs 14:23). Em sua época, o território de Israel foi expandido (*cf.* 2 Rs 14:25,28). Do lado do sul, Uzias fez um grande reinado, ficando no poder por 55 anos<sup>4</sup> (*cf.* 2 Cr 26:3). Uzias

---

<sup>3</sup> Para conferir uma das guerras entre os reinos do norte e do sul, ver 2 Cr 16.

<sup>4</sup> Segundo a *Almeida revista e corrigida* (ARC). E 52 anos, segundo a *Bíblia de Jerusalém* (BJ) e outras traduções.

conquistou alguns territórios filisteus e árabes (cf. 2 Cr 26:6,7) e sua fama chegou até ao Egito (cf. 2 Cr 26:8). Ele também construiu torres na capital do sul, Jerusalém, cavou poços, fortificou o seu exército (cf. 2 Cr 26:9-11) e até era um engenheiro da guerra, inventando armas para derrotar os seus inimigos (cf. 2 Cr 26:14,15).

As referências citadas nos dão um claro cenário histórico em que Amós se situava. A *Bíblia de Jerusalém* (2008) tem um comentário sobre Am 1:1, que cita um terremoto:

Esse terremoto é, talvez, atestado pelas escavações arqueológicas de Hasor, na Galiléia superior; deve ser situado nos meados do século VIII a.C. De acordo com Zc 14,5 (LXX), em consequência desse sismo, os vales foram obstruídos. (*ibidem*, p. 1612)

Assim, se a data fornecida pelo comentário da *Bíblia de Jerusalém* está de acordo com a arqueologia para o terremoto citado no texto bíblico, então a data do terremoto seria a mesma em que o profeta Amós viveu, no século VIII a.C., como informamos no início.

A Bíblia ainda nos fornece um cenário onde havia muita prosperidade econômica, o território de Israel havia se alargado, a agricultura recebeu cuidados especiais (cf. 2 Cr 26:10), torres para sentinelas foram construídas e armas de guerra existiam em abundância, o que dava bastante segurança para os israelitas. Embora na análise espiritual Jeroboão II tenha sido reprovado (cf. 2 Rs 14:24), no sentido político-econômico ele foi ótimo. Uzias, apesar da sua soberba ao final da vida, alargou os territórios israelitas e trouxe



prosperidade para o seu povo. A fama de Israel tinha se espalhado para outros países. As promessas do pacto mosaico estavam se cumprindo e tudo parecia correr muito bem.

Entretanto, a prosperidade, a fama e a segurança são coisas boas que buscamos, mas muitas vezes são seguidas de indiferença para com os pobres, soberba, egoísmo e desejo de acumular mais e mais, custe o que custar. Isso não quer dizer que todos os ricos, famosos e prósperos tenham tais adjetivos negativos, mas sabemos que há uma tendência muito grande do rico explorar o pobre e ignorar os direitos dos mais fracos. Os direitos conquistados pelos pobres e minorias foram adquiridos com muita luta, dificuldade, suor, lágrimas e sangue. É neste cenário de indiferença, exploração, desigualdade, injustiça e falta de amor que o profeta Amós levanta a sua voz e convida os homens a se voltarem para Deus, que é justo e não aceita que os direitos do próximo sejam violados.

## **A ética de Amós não o permite ver atos de crueldade contra o próximo**

Vejamos o que diz o profeta sobre o enunciado do título deste capítulo:

Assim diz o Senhor: Por três transgressões de Gaza, e por quatro, não retirarei o castigo, porque levaram em cativeiro todos os cativos para os entregarem a Edom. (Am 1:6 – ARC)

Os habitantes de Gaza tinham no tráfico de pessoas uma prática comercial comum. Segundo Champlin, eles

capturavam comunidades inteiras especificamente com o propósito de fazer lucro mediante o comércio de escravos. Os cativos eram vendidos em leilões nos mercados de escravos em Edom. Dali, eram conduzidos a outras porções do mundo. (Champlin, 2001, p. 3510)

Homens eram separados de suas esposas e filhos eram vendidos para outros povos. Edom, nação que descendeu de Esaú, irmão de Jacó, cooperava com este comércio anti-humano. O tráfico de pessoas era punido na Lei de Moisés com a pena de morte. Os homens de Gaza, conhecidos na Bíblia como filisteus, aproveitavam-se das guerras que venciam, levavam homens como despojos a Edom, que os repassava para outras nações. Os sírios, especialmente a capital Damasco, também cooperavam com o tráfico de homens, levando-os também para Edom (Am 1:3). Além do desespero da guerra, que deixa destruições irreparáveis, mulheres e crianças tinham que ver seus maridos e pais sendo levados para outros países. Eles nunca mais se veriam. Amós, vendo que a maldade tinha alcançado graus intoleráveis, proclama que Gaza e Damasco seriam recompensadas no seu devido tempo, se não houvesse mudança de conduta.

O profeta continua seu sermão ao dizer:

Assim diz o Senhor: Por três transgressões dos filhos de Amom, e por quatro, não retirarei o castigo, porque fenderam o ventre às grávidas de Gileade, para dilatarem os seus termos. (Am 1:13 – ARC)



Assim diz o Senhor: Por três transgressões de Moabe, e por quatro, não retirarei o castigo, porque queimou os ossos do rei de Edom, até os reduzir a cal. (Am 2:1 – ARC)<sup>5</sup>

A expressão “por três transgressões dos filhos de Amom, e por quatro, não retirarei o castigo”, significa que eles já tinham ultrapassado os limites. Para eles, os fins justificavam os meios. Não havia qualquer princípio ético nas relações internacionais. Mesmo em guerras, existem regras e limites. Amom ignorou tudo isso. Seus líderes praticavam atos de crueldade de modo intolerável. Ao fazerem guerras contra outras nações, com o objetivo de alargarem seus territórios, chegaram a abrir os ventres das mulheres grávidas. As pobres gestantes, além de verem seus maridos e filhos assassinados em invasões motivadas pela ganância, eram brutalmente mortas, tendo seus ventres rasgados por homens sanguinários, que arrancavam o feto com as mãos, fazendo cesarianas precoces sem anestesia, com espadas afiadas, matando sem misericórdia. É incrível como o desejo por conquista cega os homens, fazendo-os ultrapassarem todos os limites da ética, da misericórdia, do respeito ao próximo. Amós não suportou saber de tais acontecimentos e sua indignação contra essa crueldade o levou a sentenciar o castigo da nação de Amom, visto que todos os limites já tinham sido

---

<sup>5</sup> Para o leitor que quiser conferir como a Bíblia explica a origem dos povos amonitas e moabitas, ver Gn 19:36-38, onde ambos teriam sido originados do incesto de Ló com suas duas filhas.

ultrapassados. A crueldade de Amom impedia Amós de ficar calado, ainda que oficialmente ele não fosse um profeta.

Moabe não teve comportamento muito melhor do que seu irmão Amon. Nem mesmo os mortos eram respeitados. Existe algum mecanismo em nossa mente que nos leva a acharmos as pessoas que morrem melhores do que elas realmente foram. Talvez seja um recurso do nosso cérebro que visa não guardarmos rancor dos falecidos, pelo menos esquecendo o que eles fizeram de mal. Mas os moabitas já tinham ultrapassado este estágio havia algum tempo. Os ossos do rei de Edom tinham sido queimados. Os túmulos eram violados. Era uma forma cruel de desrespeitar a família e o povo de Edom. Champlin conjectura que

talvez eles [os hebreus] embalsassem a noção de que qualquer forma de cremação seria feita em detrimento do espírito que estava “no outro lado da existência”. (Champlin, 2001, p. 3511)

Os moabitas, talvez querendo prejudicar os vivos e as “almas que já tinham partido”, queimaram os ossos do falecido rei<sup>6</sup>. Violar túmulos é desrespeitar os sentimentos dos vivos, as crenças, a reverência e sensibilidade que existem neste momento de dor. Amós também não tolerou tal falta de sentimento e anunciou a sentença contra os moabitas, que também tinham ultrapassado os limites.

---

<sup>6</sup> A Bíblia de Jerusalém diz o seguinte: “A incineração, que devia tornar a alma infeliz na outra vida, era para o semita crime abominável.” (p. 1614).





## **Amós fala sobre os direitos dos pobres**

E se deitam junto a qualquer altar sobre roupas empenhadas, e na casa dos seus deuses bebem o vinho dos que tinham multado (Am 2:8 – ARC)

Os homens ricos da sociedade israelita antiga não saíam no prejuízo em circunstância alguma. Criavam meios de ganhar dinheiro de todas as formas e arrancar o máximo que podiam dos menos favorecidos. Quando a exploração chegava ao limite, a ponto do pobre não ter mais de onde tirar recursos, até mesmo suas roupas eram penhoradas como garantia. A Lei de Moisés exigia que a restituição de uma roupa penhorada fosse feita antes do pôr-do-sol (*cf.* Ex 22:26-27). Entretanto, esse preceito da Lei era ignorado pelos réprobos, os quais, certamente, achavam “brechas na lei” para executar tudo o que desejavam.

O profeta continua a registrar suas queixas:

Fazei ouvir isso nos palácios de Asdode, e nos palácios da terra do Egito, e dizei: Ajuntai-vos sobre os montes de Samaria, e vede que grandes alvoroços no meio dela, e os oprimidos dentro dela. (Am 3:9 – ARC)  
E derribarei a casa de inverno com a casa de verão; e as casas de marfim perecerão, e as grandes casas terão fim, diz o Senhor. (Am 3:15 – ARC)

No reino do norte havia opressão contra o pobre. Isso estava chegando aos ouvidos das outras nações. A prosperidade econômica conquistada por Jeroboão II não chegava ao povo. Como costuma

ocorrer na história, o rico esmaga o pobre. O padrão ético do profeta o impulsionava a protestar contra a distribuição injusta de riquezas, a qual levava o pobre a ficar mais pobre, como costuma acontecer principalmente em países subdesenvolvidos. Devemos ter em mente que Israel era uma nação pequena e limitada, em comparação com as grandes potências. Tal falta de estrutura levou a prosperidade econômica a não beneficiar a nação como deveria. Amós pinta um quadro onde os ricos viviam em casas de marfim, enquanto os pobres eram oprimidos. Não só as casas, mas até as camas eram feitas deste material caro e precioso (Am 6:4). Segundo Champlin, a arqueologia evidencia que nesta época

seus leitos eram decorados com engastes de mármore, com representações de lírios, veados, leões, esfinges e figuras humanas aladas. Foi um período de vida ociosa, riqueza, arte e lassidão moral. (Champlin, 2001, p. 3505)

Os ricos são acusados de não fazerem o que é “reto”, ou seja, de não exercerem o direito (*cf.* Am 3:10). Eles não só entesouravam riquezas, como também violência e destruição. É a filosofia dos fins que justificam os meios. O prazer era o fim principal das vidas destes homens, ainda que para alcançar este alvo tivessem que pisar nos pobres e oprimidos. Amós enxergava *Yahweh* como um Deus justo, piedoso, bondoso, que não tolerava o acúmulo injusto de riquezas. A sua lei revelava-o como um ser que cuida dos pobres e ordenava que o seu povo fizesse o mesmo.



O cenário visto por Amós é vívido, forte, terrível. Os ricos, que viviam em tranquilidade absoluta (*cf.* Am 6:1), perderiam tudo o que tinham e seus bens seriam dissolvidos. O próprio inimigo de Israel seria o executor da “justiça”, fazendo-o colher exatamente aquilo que plantou. As fortalezas seriam derrubadas e os palácios saqueados (Am 3:11). Os ricos injustos eram os maiores alvos das duras críticas do profeta boiadeiro. Na época em que ele profetizou, Israel ainda não tinha sofrido sob os cativos assírio e babilônico, os quais quase extinguiram os descendentes de Jacó da face da Terra. Amós anuncia que os ricos opressores seriam os primeiros a serem levados para o cativeiro (*cf.* Am 6:4-7). Segundo algumas referências bíblicas, sua predição se cumpriu à época do cativeiro babilônico, onde o primeiro a ser preso foi o rei, junto com seus filhos (*cf.* 2 Rs 25:5-7), seguido pelos sacerdotes (*cf.* 2 Rs 25:18) e pela cúpula real (*cf.* 2 Rs 25:19). Tudo isso acontece paralelamente à destruição do templo, do palácio real, dos muros da cidade e das casas dos homens poderosos em Jerusalém (*cf.* 2 Rs 25:9,10). O simples profeta, homem sem muita cultura, trabalhador do campo, anuncia o futuro dos homens poderosos e opressores, os quais ignoravam princípios éticos nas relações interpessoais, deixando de lado o órfão, a viúva, o pobre, e pensavam apenas em enriquecer, acumular bens, cultivar o prazer, não se importando se tudo aquilo era conquistado às custas do trabalho dos que possuíam muito pouco e não tinham qualquer direito de aproveitar as coisas boas da vida. A semente da opressão havia sido plantada e no devido tempo eles colheriam esses frutos.

A queixa do profeta segue livre curso:

Portanto, visto que pisais o pobre, e dele exigis um tributo de trigo, edificareis casas de pedras lavradas, mas nelas não habitareis; vinhas desejáveis plantareis, mas não bebereis do seu vinho. (Am 5:11 – ARC)

Uma das maneiras de empobrecer uma nação é impondo uma alta carga tributária e não retribuir estes impostos em benefícios para as pessoas. Em muitos países do mundo, em especial na África, os líderes nacionais vivem vidas luxuosas, enquanto a população sequer tem o que comer. Enquanto estava no auge, Saddam Hussein vivia no luxo, tendo torneiras de ouro em seu palácio, enquanto os iraquianos sempre foram muito pobres. No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT) a carga tributária ficou em 35,13% do PIB, em 2010 (*cf.* Alvarenga, 2011). Segundo o mesmo instituto, o brasileiro precisa trabalhar 149 dias por ano para pagar todos os impostos nas esferas federal, estadual e municipal. Para termos a noção de quanto trabalhamos, a pesquisa do IBPT aponta que nos Estados Unidos o trabalhador dedica 102 dias de trabalho em um ano para pagar tributos (*cf.* Falcão, 2011). O salário de um deputado federal, no nosso país, é de 26,7 mil reais, em junho de 2011 (*cf.* Bresciani, 2011). Por outro lado, dados do Censo 2010 do IBGE informam que 56% dos lares brasileiros têm renda per capita (por cada habitante do lar) menor que um salário mínimo por mês – 510 reais na época em que a pesquisa foi realizada (*cf. Mais da metade...*, 2011). Se Amós vivesse em nossos dias, ele estaria protestando de maneira



veemente contra o quadro de injustiça social e má distribuição de renda. Políticos de diversos cargos seriam alvos de sua crítica por causa da exploração por meio dos impostos e da não-devolução destes recursos em benefícios.

Amós continua a falar:

Porque sei que são muitas as vossas transgressões, e enormes os vossos pecados: afligis o justo, tomais resgate, e rejeitais os necessitados na porta. (Am 5:12 – ARC)

Além de serem tributados injustamente e explorados, os pobres também eram deixados de lado quando procuravam a justiça. A “porta” é o termo utilizado para falar do lugar de julgamento, onde os magistrados atuavam.<sup>7</sup> Apesar da prosperidade, Israel era uma nação corrupta. Como costuma ocorrer, os pobres são preteridos na hora de receberem o que têm direito. Os ricos afligiam o justo, subornando os juízes e comprando sentenças. O profeta não tolerou ver homens revestidos de autoridade sendo corrompidos de modo tão baixo, tomando decisões com base no poder aquisitivo dos indivíduos. Se Amós vivesse em nossa sociedade, certamente ele teria muitos processos judiciais contra si. Isso porque as críticas dele não eram genéricas, como dos apresentadores sensacionalistas de televisão, mas tinham nome e endereço. Ele não se intimidou em censurar os poderosos da sociedade, pois não estava interessado no que eles

---

<sup>7</sup> A *Nova versão internacional* (NVI) traduz parte deste versículo assim: “Vocês oprimem o justo, recebem suborno e impedem que se faça justiça ao pobre nos tribunais”.

tinham a oferecer. É comum vemos Igreja e Estado andando de mãos dadas para desfrutarem do poder que um pode proporcionar ao outro. Para um homem como Amós, isso seria impensável. Ele não aliviaria os seus discursos pesados por interesses políticos. Não podia ignorar que somente os pobres eram punidos, enquanto os ricos criminosos estavam em paz e tranquilos.

Amós põe a sua cabeça em risco ao defender os fracos e atacar os opressores. Quem está no poder não quer modificações. As mudanças normalmente surgem como reivindicações de quem não está satisfeito. Comumente há perseguição, censura, calúnia e opressão. O poder estabelecido, geralmente da religião e do Estado, busca calar a boca destes profetas, sejam religiosos, sejam comunistas ateus, sejam filósofos, sejam quem forem. O sacerdote, representando a religião estabelecida, denuncia Amós diante do rei (*cf.* Am 7:10), pois o profeta tinha anunciado a “espada” contra Jeroboão II (*cf.* Am 7:9). O profeta é convidado a se retirar do norte e ir para o sul (*cf.* Am 7:12,13). O que ele pregava incomodava a elite. Nenhum homem que se levante contra a corrupção do sistema deixa de ser perseguido. Nenhuma pessoa que tenha elevados padrões éticos, que tem compaixão, vive em plena tranquilidade. O poder estabelecido vende a idéia de que tudo está ótimo. A propaganda falsa costuma ser uma das armas do sistema corrupto, mentiroso e injusto.

Amós era uma pessoa sensível e inteligente, apesar de ter sido um homem simples. A sabedoria não vem apenas dos títulos acadêmicos, mas da vivência. A inteligência não é escrava do



conhecimento, mas é amiga da sensibilidade e da sensatez. O profeta não podia ficar quieto ao ver a nação prosperar em todos os sentidos, mas continuar sendo desigual.

### **A religião vazia da geração de Amós**

Apesar do cenário de corrupção moral que existia em Israel à época de Amós, as pessoas não deixaram de ser religiosas, contrastando com o comportamento dos hebreus quando voltaram do exílio da Babilônia, onde até mesmo os sacrifícios da religião judaica foram negligenciados (*cf.* Ag 1:3-9; Ml 1:6-8,12-14; 3:8-10). Todavia, na época de Amós os preceitos da lei mosaica eram obedecidos com rigor e os rituais eram feitos com muita dedicação. Certamente os sacerdotes também participavam da corrupção moral que existia em Israel, mas ficavam satisfeitos porque o povo trazia os sacrifícios que estavam ordenados na Torá, os quais eram desfrutados por eles.

As práticas religiosas dos contemporâneos de Amós são descritas por ele. Vejamos:

Aborreço, desprezo as vossas festas, e as vossas  
assembléias solenes não me dão nenhum prazer.  
E, ainda que me ofereçais holocaustos, e ofertas de  
manjares, não me agradarei delas: nem atentarei para  
as ofertas pacíficas de vossos animais gordos.  
Afasta de mim o estrépito dos teus cânticos; porque não  
ouvirei as melodias dos teus instrumentos. (Am 5:21-23  
– ARC)

Este discurso irritou a cúpula sacerdotal, visto que os rituais do templo são tratados como inúteis, pois eram feitos por uma geração que vivia uma religião vazia, desprezando o amor ao próximo, o respeito, a justiça. Os religiosos acreditavam que os sacrifícios por eles oferecidos cancelavam os seus pecados, as suas maldades, como se após cada oferenda aos sacerdotes, as contas deles fossem zeradas. O profeta alfineta, com seus duros discursos, a consciência de quem cria que rituais eram mais importantes do que caráter. Pior ainda, ele censura os homens que acreditavam que os rituais da religião permitiam a eles viverem de maneira injusta.

Em contraste com o ritual vazio, Amós demonstra o que deve acompanhar a verdadeira religião: “Corra porém o juízo como as águas, e a justiça como o ribeiro impetuoso” (Am 5:24 – ARC). A religião cheia de rituais, metódica, com generosidade nas doações para o templo, de nada valia se não houvesse amor ao próximo. O profeta exorta aos seus ouvintes e leitores de que nada vale ser religioso se não for justo. Nenhuma religião que oprime os pobres, fracos, minorias ou quem quer que seja é boa. Amós certamente observava a hipocrisia daqueles homens ao terem aparência de piedade. Em um paralelo a este assunto, embora contextualizando o ritual ao da Igreja Católica, Leonardo Boff diz o seguinte:

Como celebrar dignamente, consoante a natureza do próprio gesto de Jesus, a eucaristia num mundo de injustiças e de violações dos direitos humanos? Pode-se ater-se somente ao aspecto pessoal de adoração? Que ligação existe entre culto eucarístico e justiça e





fraternidade? Esta questão nos coloca no coração do discurso profético, no cerne da preocupação de S. Paulo quando fala da eucaristia, finalmente, no próprio ensino de Jesus conservado pelo evangelista S. Mateus. (Boff, 1984, pp. 107-108)

Boff contrasta o ato do sacrifício de Cristo com a frase “a natureza do próprio gesto de Jesus” com a celebração da eucaristia, que representa o ato do sacrifício em prol de todos. O teólogo questiona a ligação entre o rito e a ação, entre a prática religiosa e a relação com o próximo, inclusive citando, além do ensino de Jesus, o discurso de Paulo aos coríntios, onde, segundo escreve o apóstolo, os cristãos participavam da Ceia mas ajudavam a aumentar o sofrimento de quem praticamente não possuía nada (*cf.* 1 Co 11:17-22). A crítica de Boff se dirige ao mesmo tipo de pessoas que Amós censurou. Indivíduos que se preocupavam mais com a religião do que com o ser humano que deve ser beneficiado por ela. Eram pessoas que acreditavam que Deus se importava mais com os ritos do que com a justiça e a misericórdia.

Para agravar ainda mais o baixo nível da geração da qual estamos falando, ela não queria qualquer tipo de mudança, pois sua vida confortável, para aquela mentalidade, era sinal de aprovação divina. A liderança religiosa não queria receber qualquer tipo de repreensão (*cf.* Am 7:13). Talvez o sacerdote, com todo o conhecimento e pompa que tinha, tenha se sentido ultrajado ao ser corrigido por um simples homem do campo. Quem era ele para falar

com tal ousadia? Aquela geração era soberba (*cf.* Am 6:8) e nenhum discurso sobre ética a faria mudar sua conduta.

Amós, com muita persistência, convida os habitantes do norte a olharem para Calne, Hamate e Gate, para caírem em si e enxergarem que estavam se superestimando (*cf.* Am 6:2). Calne e Hamate, localizadas ao norte de Arã, teriam sido dominadas pela Assíria entre 854 e 845 a.C., aproximadamente. Gate teria sido destruída por Hazael, rei de Arã, em 815 a.C. (*cf.* Champlin, 2001, p. 3524). Os samaritanos deveriam olhar para estas cidades e ver que o mesmo aconteceria a eles, se continuassem a serem prepotentes e injustos. Israel não tinha motivos para crer que era melhor do que estas cidades, as quais, na sua exaltação, foram humilhadas.

A insistência de Amós é inútil, pois os ricos daquela geração continuariam esmagando os pobres e miseráveis (*cf.* Am 8:4) e fazendo da justiça algo amargo (*cf.* Am 5:7; 6:12). Aqueles que tinham tido oportunidade de estudar e ter uma criação diferenciada eram os mais insensíveis. O conhecimento da Torá não os levou a terem bons princípios éticos e a serem homens de bem. A verdade ecoa sua voz através do boiadeiro, que repreendeu os reinos do norte e do sul de Israel, bem como as outras nações que ignoravam os direitos do próximo e cometiam barbaridades.

### **Considerações finais**

O cenário visto e criticado por Amós se repete a todo o momento, em toda a história. Este diagnóstico pode nos causar um



profundo desânimo, mas, em meio à maldade, sempre surgem homens protestando contra os poderosos opressores. Pessoas com ideologia, que não se vendem para o sistema.

Elas aparecem em toda a parte. Podem ser cristãs, muçulmanas, budistas ou sem religião. Mesmo sendo ateu, Karl Marx foi uma espécie de profeta da sua geração, denunciando o que os profetas da Bíblia já tinham criticado no passado. A Teologia da Libertação também ecoou as vozes dos mensageiros divinos para o nosso tempo, mostrando que a Igreja não pode se aliar à elite e se esquecer dos pobres.

A boca de Amós não foi amordaçada. À época quiseram calá-lo, mas não conseguiram. Sua mensagem está espalhada em todos os lugares onde há injustiça. Os seus representantes contemporâneos, ainda que não conheçam os seus escritos, continuam clamando contra os poderosos nos EUA, na África, na América Latina e em qualquer lugar onde haja desigualdade, opressão e miséria. Os ricos, por mais que vivam no conforto, sempre serão incomodados por homens como Amós, pois a indignação contra a opressão não está limitada ao judaísmo ou ao cristianismo. Ela brota em qualquer coração sensível, em qualquer alma que não tenha sido deformada pela ganância.

A ética de Amós dizia que as necessidades humanas valiam mais do que os rituais da religião, ainda que estes últimos não tivessem sido invalidados por ele, por si só, mas sim porque eram feitos sem consciência, sem reflexão, desacompanhados da justiça e do bom senso. Ao canonizarem este livro, o qual faz parte da Bíblia

Hebraica, os judeus reconheceram que ele estava certo e que seus antepassados foram repreendidos com justiça. Esta atitude, certamente, fez do judaísmo uma religião de irmandade, a qual busca a justiça e o equilíbrio social entre os seus membros. Que a voz de Amós continue ecoando em nossa sociedade, por meio de todos aqueles que são sensíveis, inteligentes e têm ideais.

### Referências bibliográficas

- ALVARENGA, Darlan. (2011), *Carga tributária foi de 35,13% do PIB em 2010, diz instituto*. In: G1, 03 de março de 2011, Economia. Disponível na página: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2011/03/carga-tributaria-foi-de-3513-do-pib-em-2010-diz-instituto.html>. Acesso em: 07 de junho de 2011.
- BÍBLIA. Português. (1996), *Bíblia Sagrada, Edição Almeida revista e corrigida (ARC)*. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira.
- \_\_\_\_\_. (2000), *Bíblia Sagrada, Nova versão internacional (NVI)*. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional.
- \_\_\_\_\_. (2008), *Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada (BJ)*. São Paulo: Paulus.
- BOFF, Leonardo. (1984), *Do lugar do pobre*. Petrópolis: Vozes.
- BRESCIANI, Eduardo. (2011), *Salário de Jaqueline Roriz será descontado, diz Câmara*. In: Estadão, 19 de maio de 2011, Política. Disponível na página: <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,salario-de-jaqueline-roriz-sera-descontado-diz-camara,721539,0.htm>. Acesso em: 07 de junho de 2011.
- CHAMPLIN, Russel Norman. (2001), *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo*. 2. ed. São Paulo: Hagnos.



- FALCÃO, Carla. (2011), *Brasileiro trabalha até a próxima segunda só para pagar impostos*. In: IG, 25 de maio de 2011, Economia. Disponível na página: <http://economia.ig.com.br/financas/impostoderenda/brasileiro+trabalha+ate+a+proxima+segunda+so+para+pagar+impostos/n1596975666489.html>. Acesso em: 07 de junho de 2011.
- HOOVER, Richard Leroy. (2008), *Os profetas menores: grandes mensagens em pequenos livros*. Campinas: EETAD.
- LAZZARI JUNIOR, Julio Cezar. (2011), *A mensagem universal e atemporal da parábola do bom samaritano*. In: Revista de Cultura Teológica, São Paulo, v. 19, n. 73, jan/mar. 2011, pp. 29-41.
- MAIS da metade das casas brasileiras vive com até um salário mínimo per capita*. In: Uol, 03 de junho de 2011, Cotidiano. Disponível na página: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2011/06/03/ibge-divulga-dados-demograficos-mais-detalhados-do-censo-2010.jhtm>. Acesso em: 07 de junho de 2011.